

# Produção industrial e desvalorização cambial

Ao longo do primeiro semestre deste ano, as vendas da indústria paulista sofreram queda de 2,7%, em termos reais, em comparação com igual período do ano passado. O que merece mais atenção, no entanto, é o fato de o Indicador do Nível de Atividade (INA), base do levantamento feito pela Fiesp, ter acusado, em junho, redução de 1,4% em relação a maio.

A comparação dos semestres não indica, nem sugere, recessão, pois o desempenho da indústria na primeira metade de 2001 foi excepcionalmente bom. Preocupante é o resultado de junho último. Houve uma queda de 0,1% no nível de pessoal ocupado, em relação ao mês anterior; o total das vendas

reais diminuiu 0,7%; e o nível de utilização da capacidade instalada caiu de 81,3%, em maio, para 80,1% no mês seguinte. De positivo, só houve o aumento dos salários reais, de 0,3% no mês, provavelmente em função de alguns acordos coletivos.

A queda da produção industrial em junho correspondeu a uma queda equivalente do consumo, que havia aumentado em maio em função do Dia das Mães. Mas esse aumento de demanda havia sido suprido pela indústria em abril.

Tudo indica que a produção industrial de junho, além de ter sido afetada pela queda da demanda, sofreu também com a alta do custo do crédito e com a desvalorização cambial. Uma

redução das vendas e do uso da capacidade de produção tem o efeito indireto de aumentar as necessidades de crédito da indústria. De fato, em junho, o saldo das operações de crédito à indústria teve um aumento de 4,4%, contra 2,1% em maio e redução de 0,7% em abril (mês de maior produção), mas é preciso considerar que, devendo às altas taxas de juros, as empresas tiveram maiores despesas financeiras.

Mais importante que isso foi a forte desvalorização cambial, que afetou os custos das empresas que dependem da importação de insumos e componentes. Num mercado em que a demanda é fraca, as empresas encontram dificuldades em transferir

para os consumidores a totalidade dos aumentos dos itens importados e, quando o fazem parcialmente, provocam nova retração da demanda.

É interessante verificar que as vendas reais do setor de material elétrico e eletrônico sofreram em junho, em relação ao mês anterior, queda de 5,1%, enquanto no caso do setor têxtil houve um aumento de 0,5% e no de material de transporte, de 2,1%. Esses fatos não permitem que se encare com otimismo as perspectivas da produção industrial no meses de julho e, agora, agosto. A menos que haja maior substituição de itens importados e maiores ganhos de produtividade, o que demanda tempo.